

FERREIRA ITAJUBÁ: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O AUTOR E A OBRA

Mayara Costa Pinheiro¹
Ppgel - UFRN/CAPES

Nosso objetivo neste trabalho é fazer uma apresentação introdutória à obra do poeta norte-riograndense Ferreira Itajubá (1877?-1912). Após traçarmos um breve perfil biográfico do escritor, localizaremos sua obra poética no ambiente de produção literária do Rio Grande do Norte, e, indiretamente, do país. Além disso, comentaremos algumas das constantes temáticas e formais de sua poesia, bem como percorreremos parte de sua fortuna crítica.

Palavras-chave: Literatura Norte-rio-grandense; Romantismo; Ferreira Itajubá; Terra Natal.

1. Introdução

O presente trabalho objetiva fazer uma apresentação introdutória à vida e obra do poeta norte-riograndense Manoel Virgílio Ferreira Itajubá (1877? – 1912), cuja obra *Terra Natal* é objeto de estudo do projeto de mestrado “Manifestações do exílio no poema *Terra Natal* de Ferreira Itajubá” vinculado ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem/UFRN.

Este projeto encontra-se em sua fase inicial e tem a pretensão de propor um estudo sobre a obra *Terra Natal*, ressaltando não só seus aspectos temáticos, mas também estéticos que a vincula ao movimento literário Romantismo, que ocorreu no estado do Rio Grande do Norte posteriormente quando comparado à periodização da Literatura Brasileira.

Inicialmente, traçaremos neste artigo o perfil biobibliográfico do escritor, ressaltando aspectos relevantes de sua vida, as circunstâncias em que sua obra foi concebida e disponibilizada ao público, como também caracterizaremos o momento de produção literária no Rio Grande do Norte, no qual a obra de Itajubá se insere, por volta do final do século XIX e início do século XX.

Este seria o momento da chamada de “literatura permanência”, no qual estavam entremeadas as estéticas do Romantismo, Simbolismo e Parnasianismo, como retrata Antonio Candido no texto “Literatura e cultura de 1900 a 1945” (2010). Indiretamente, iremos inserir obra de Ferreira Itajubá no contexto de produção da Literatura Brasileira.

Além disso, comentaremos aspectos temáticos, como: a nostalgia, o exílio, a projeção do estado anímico do eu-poético na natureza, exaltação da figura feminina; além de aspectos formais de sua poesia, bem como percorreremos parte de sua fortuna crítica.

¹ Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

2. Apontamentos biográficos

Manoel Virgílio Ferreira nasceu em 21 de agosto, de um ano ainda incerto, na cidade do Natal, Rio Grande do Norte. Foi filho do pescador Joaquim José Ferreira e da artesã Francisca Ferreira de Oliveira. O ano de seu nascimento é impreciso, a dúvida fica entre 1875, 1876 e 1877. Alguns autores defendem o ano de 1875, como afirma Clementino Câmara no discurso de posse da Academia Norte-rio-grandense de Letras (1951), enquanto outros 1876, como é caso de Ezequiel Wanderley e Câmara Cascudo, respectivamente, nas obras *Poetas do Rio Grande do Norte* (1922) e *Alma Patrícia* (1921).

Entretanto em 1º de outubro de 1896, como ressalta José Bezerra Gomes, na obra *Retrato de Ferreira Itajubá* “o próprio poeta [...] ao lavrar o termo de sua nomeação para escrevente da Associação de Praticagem, escreveu com a própria mão: Manoel Ferreira Itajubá, filho de Joaquim José Ferreira, natural deste estado, nasce a 21 de agosto de 1877” (1944:28).

Seus primeiros mestres foram Tertuliano Pinheiro, conhecido com professor Terto, e Joaquim Lourival Soares da Câmara, o professor Panqueca, com os quais estudou as primeiras letras. Continuou seus estudos no Atheneu Norte-Rio-Grandense, após a realização dos exames de admissão em Português e Matemática.

Na época da escola, participou de um jornalzinho manuscrito, no qual começou a escrever as primeiras quadras e ocultava-se “sob o pseudônimo de Itajubá, ulteriormente adotado como se de família fora” (CÂMARA, 1951:84), passando a ser chamado de Manoel Virgílio Ferreira Itajubá.

Ainda criança, em 1882, Ferreira Itajubá perde o pai, tendo que trabalhar para ajudar a mãe. Nesse ínterim, exerceu diversas atividades: foi comerciante, proprietário de um circo-amador, pintor de letreiros, escrevente da Associação de Praticagem do Rio Grande do Norte, professor de primeiras letras, contínuo do Ateneu Norte-Rio-Grandense, além de participante de jornalzinhos estudantis.

Em 1896, lança seu primeiro jornal “O Eco”, um hebdomadário joco-sério, publicado aos domingos, de duração efêmera. Em parceria com Henrique J. de Oliveira, no ano de 1897, cria a revista literária “A Manhã”, que teve seu primeiro número lançado em 2 de junho do referido ano.

O irrequieto Itajubá, além de oficial da doutrina protestante, era adepto da maçonaria, sócio benemérito e orador da Liga Artístico-Operária “a mais antiga sociedade operária do Estado” (GOMES, 1944:31), entidade que defendia princípios socialistas.

Casou-se duas vezes, a primeira vez com Emília Marques da Silva, com quem teve um filho, Nazareno Ferreira Itajubá, e a segunda vez com Maria Antonieta.

Ferreira Itajubá era um participante ativo de eventos político-sociais (inaugurações, homenagens, benefícios) nos quais esbanjava sua verve em oratória apossando-se das tribunas, discursando com entusiasmo e fervor na defesa de suas convicções.

Como se vê, nunca fora de grandes posses e de escolaridade ampla, por isso fora incompreendido pelo espírito inquieto, diminuído pelo seu comportamento boêmio, criticado por sua linguagem menor e julgado muitas vezes como incapaz de ser poeta.

No início de 1912, já doente, viaja para o Rio de Janeiro em busca de tratamento, aonde vem a falecer na Santa Casa de Misericórdia, em 30 de julho de 1912.

Seus restos mortais foram trazidos para Natal com a presteza de Aristóteles Costa e Henrique Castriciano, conterrâneos do poeta que estavam no Rio de Janeiro, na época.

3. Contexto de produção da obra de Ferreira Itajubá

As primeiras incursões na imprensa de conteúdo literário, produzidas no estado do Rio Grande do Norte, especificamente na cidade de Natal, começam a repercutir no cenário local em 1861, com a publicação do primeiro jornal literário do estado: “O Recreio”, no qual foram publicadas as poesias de Lourival Açucena (1827-1907), primeiro poeta norte-rio-grandense que merece ser considerado pelo valor estético.

A partir da publicação desse impresso foi possível haver a circulação dos primeiros textos literários entre os raros leitores da época. A partir disso, outros jornais passaram a dedicar pelo menos uma de suas colunas para a publicação de poesias de autores locais, como também de autores consagrados nacionalmente.

Os poemas abordavam temas do Romantismo, como relações amorosas distantes, o acalentamento da mulher amada, idealizações, exaltação da pátria através da natureza, entre outros. As formas utilizadas se aproximavam muito de cantigas, como quadras, sextilhas, redondilhas menor e maior, com estribilhos e uso constante de vocativos. A forma do soneto italiano também era utilizada, mas seu uso é intensificado por volta do final dos novecentos e início do século XX, quando começa a surgir algumas produções próximas ao Parnasianismo.

Além de obras com características românticas e parnasianas, alguns autores produziram poemas seguindo os moldes da estética simbolista, como foi o caso de Auta de Souza, uma das poucas mulheres que tinham espaço na imprensa norte-rio-grandense da época.

É importante salientar que nesse momento o gênero predominante era a poesia, e por vezes, eram publicadas algumas prosas poéticas, crônicas e alguns raros folhetins, produzidos em outros países. Ainda não havia espaço para a publicação de romances, gênero literário escasso até os anos 1920, com a publicação das primeiras obras, como Flor do Sertão (1928) e Gizinha (1930) de Polycarpo Feitosa, pseudônimo de Antônio José de Melo e Souza (1867-1955).

Nesse momento, além de Lourival Açucena e Auta de Souza, destacam-se: Ferreira Itajubá (1877?-1912), Gotardo Neto (1881-1911), Segundo Wanderley (1860-1909) e Henrique Castriciano (1874-1947). Podemos citar outros importantes poetas mas que não tiveram o mesmo respaldo, entre eles: Francisco Palma, Carolina Wanderley, Anna Lima, Ponciano Barbosa, Sebastião Fernandes.

Desse modo, podemos dizer que o início da produção literária norte-rio-grandense apresenta-se como uma “literatura de permanência” (CANDIDO, 2010:120). Não só pelo fato de prosseguir as temáticas românticas, mesmo que o Romantismo, a nível nacional, tenha se encerrado aproximadamente em 1870, mas também pelo conformismo e pela continuidade das formas e das temáticas utilizadas, assim como pela presença de alguns traços estéticos do Parnasianismo e do Simbolismo na produção de alguns poetas.

a literatura aparece aí essencialmente como literatura de *permanência*. Conserva e elabora os traços desenvolvidos depois do Romantismo, sem dar origem a desenvolvimentos novos; e, o que é mais, parece acomodar-se com prazer nesta conservação. (CANDIDO, 2010:120). [grifo do autor]

Na sistematização da Literatura Brasileira, o período dessa “literatura de permanência” seria entre 1880 e 1922, e compreenderia o Naturalismo, o Parnasianismo e o Simbolismo, ou seja, esse foi um momento posterior ao Romantismo, no século XIX (1836-1870), e anterior ao Modernismo (1922-1945), considerados por Antonio Candido (2010) como dois momentos decisivos na Literatura Brasileira.

No caso da produção literária no Rio Grande do Norte, a “literatura de permanência”, se iniciaria em 1861, com a publicação dos primeiros poemas românticos de Lourival Açucena no jornal “O Recreio”, tendo em vista que o Romantismo, assim como o Modernismo ocorrem temporalmente em descompasso quando comparados a cronologia da literatura nacional.

Nesse contexto, está inserida a obra de Ferreira Itajubá que tem uma produção tipicamente romântica, como Terra Natal, publicada apenas em 1914, bem depois do período do Romantismo na Literatura Brasileira.

Nesse momento, a produção literária era divulgada através de jornais impressos, raramente eram publicados livros, e estava em efervescência as agremiações literárias, como Grêmio 12 de Outubro, Grêmio Literário “Augusto Severo”, Oficina Literária “Lourival Açucena”, das quais Ferreira Itajubá participou. Essas agremiações conjuntamente a outras passaram a delinear o esboço do que seria o subsistema da Literatura no Rio Grande do Norte.

Desse modo, o ciclo da chamada literatura de permanência da produção literária no Rio Grande do Norte encerra-se com a publicação do Livro de Poemas de Jorge Fernandes, em 1927, que marca o início do Modernismo no referido estado.

4. Produção bibliográfica

Os primeiros versos produzidos por Ferreira Itajubá foram encontrados em um caderno que “trazia a data 28 de dezembro de 1893” (CÂMARA, 1951, p. 85). Além de suas produções, ele transcrevia poemas de outros autores, “com a menção de suas respectivas autorias [...] Gonçalves Dias, Castro Alves, Casimiro de Abreu, Laurindo Rabelo e Tobias Barreto, entre outros” (GOMES, 1944, p.73). Este caderno foi guardado com diligência por Luís de França Taumaturgo, um amigo de infância e admirador do poeta.

Sua produção sempre foi publicada em periódicos - jornais e revistas - publicados na cidade do Natal/RN, nos fins dos novecentos e início do século XX. Entre os periódicos que publicaram produções poéticas de Ferreira Itajubá, podemos citar: a revista “Oásis” (1894-1904), órgão do Grêmio Literário Le Mond Marche, em que encontramos o primeiro poema publicado pelo poeta, “As tardes do Jordão”, além do jornal “A República”, principal periódico do estado e atrelado ao governo local, em que passa a publicar a partir de 1897, bem como nos jornais: “O Trabalho”, “Gazeta do Comércio”, “O Bonde”, “Diário do Natal”, “A Capital”, “O Torpedo”, “A Ordem” e na revista “Pax”, órgão do Grêmio “12 de Outubro”.

Apenas em 1914, dois anos após o falecimento do poeta, o poema Terra Natal é publicado por iniciativa de Henrique Castriciano.

Em 1927, uma nova edição intitulada Poesias Completas, reunia Terra Natal e Harmonias do Norte, esta última, uma compilação de poemas esparsos, selecionados por Henrique Castriciano, e publicado pela Imprensa Diocesana. No ano de 1965, a Fundação José Augusto, no governo de Aluísio Alves, publica a segunda edição do Poesias Completas.

Em 2009, é publicada pela Editora da UFRN e o Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses, a antologia Dispersos², com poemas e textos em prosa publicados em jornais e revistas entre 1896 a 1912, além de poemas encontrados no referido caderno de manuscritos, que, provavelmente, são os primeiros textos produzidos por Itajubá.

5. Principais temáticas

A poesia produzida por Ferreira Itajubá tem o litoral como espaço-ambiente, com a imensidão de água do oceano, elementos da flora da fauna local. Essa remissão à natureza manifesta-se na projeção do estado anímico do eu-lírico nos elementos naturais.

O tempo presente parece ser um tempo de amarguras, desilusões e muitas dores, que se apresenta na forma de uma melancolia que desfalece o Ser que, por vezes, deseja migrar para outros lugares ou até mesmo enseja a morte, pois enxerga nela a possível solução para seus padecimentos.

A difícil estadia na vida parece ser suportada através das lembranças de um passado ameno: uma infância inocente, tranquila, tempo em que desconhecia as dificuldades e as desilusões da vida.

A presença de aves migratórias (pombas, andorinhas, arribação) parece acentuar o desejo de mudança de território, em busca de dias melhores, ou ainda a representação movimento constante do Ser, na sua transitoriedade e efemeridade.

A temática do exílio presente no poema Terra Natal, une-se à nostalgia, munidas de uma intensa atividade de rememoração do passado vivido em solo natal, além de um forte desejo de retorno. Assim como, o sentimento de desterritorialização, a perda de identidade, o tédio do presente, a lembrança do acalento das figuras femininas (mãe, irmãs, Branca) estão presentes no decorrer dos trinta e quatro cantos do Terra Natal (1914), e em alguns de seus poemas.

Tanto em solo alheio, como no berço natal há insatisfação. As dificuldades vivenciadas na terra natal que poderiam ser superadas em outro território, parecem ter aumentado, e contraditoriamente, o caos do solo alheio incita-o a retornar à terra dos seus entes queridos, onde ele pode encontrar afago e atenção. Dessa forma, percebe-se que a insatisfação não está fora do Ser, mas dentro dele, e em qualquer lugar que ele se dirigir estará descontente.

² Esta compilação foi organizada pelo Prof. Dr. Humberto Hermenegildo de Araújo, professor titular da UFRN, e por Mayara Costa Pinheiro, mestranda em Literatura Comparada, Ppgel/Capes/UFRN.

6. Fortuna crítica

A fortuna crítica acerca de Ferreira Itajubá carece de um estudo crítico-literário que analise a sua obra sem se remeter aos aspectos biográficos. Os muitos ensaios e artigos produzidos sempre se reportam às polêmicas biográficas e atrelam-nas à obra, ressaltando os erros estruturais de seus versos e alguns problemas na sequenciação lógica, porém afirmam que há uma potencialidade temática, sem mostrar como ela se caracteriza.

Em ordem cronológica, Luís da Câmara Cascudo, em *Alma Patrícia* (1921) seria o primeiro autor a ressaltar além de aspectos biográficos, também algumas considerações temáticas e estruturais sobre o poema *Terra Natal*.

O enredo do TERRA NATAL é simples e natural. Branca, doce mocinha praieira, nascida em Bom Jesus de Touros (praia do Rio G. do Norte) [...] encontra um rude e belo rapaz, e o suave idílio sobe docemente aos céus. [...] O poeta canta o tempo em que começou a amar Branca. [...] A necessidade aparece. A miragem amazônica acena riquezas, fazendo reluzir pedrarias. O noivo resolve partir. Despede-se do laranjal todo verde, com os pomos loiros das laranjas, o roseiral de flores gloriosas, e para sua mãe com a despedida, entrega-lhe Branca, o seu amor. (CASCUDO, 1921:124-6)

José Bezerra Gomes, no livro *Retrato de Ferreira Itajubá* (1944), assim como Cascudo, traz aspectos biográficos, acrescenta fatores do contexto em que Itajubá viveu e comenta *Terra Natal*, mas procura analisar a obra através de aspectos biográficos do poeta: “E foram os anos da infância do poeta, os dias em que viveu brincando, os mais sorridentes de sua vida: ‘Foi um tempo feliz, quando vivi brincando,/ Ora fruto recolhendo, ora flor desfolhando’” (GOMES, 1944:49).

Em 1981, duas obras são publicadas sobre Itajubá: *Itajubá esquecido*, de Nilson Patriota; e *Ferreira Itajubá: poesia*, de Francisco das Chagas Pereira. O primeiro traz mais informações biográficas do que literárias, e assim como Gomes (1944) ao falar da obra sempre vincula sua temática à vida de Itajubá. O segundo, Pereira (1981) faz algumas ressalvas sobre as temáticas presentes no *Terra Natal* como exílio, evasão e religiosidade, bem como sobre aspectos estéticos como rimas, métrica e ritmo, que contribuem para uma análise literária.

Alguns anos depois, em 1993, é publicado *Gracioso Ramalhete: poesias*, resultado de uma pesquisa de Cláudio Galvão no jornal “O Torpedo”, órgão da sociedade recreativa e cultural “Divisão Branca”(1908-1910), no qual Ferreira Itajubá publicou poemas e algumas prosas, ocultando-se através do pseudônimo “Stella Romariz”. Na primeira parte do livro, Cláudio Galvão apresenta um texto introdutório sobre o contexto de surgimento da “Divisão Branca”, além de ressaltar alguns aspectos acerca da vida de Ferreira Itajubá. Na segunda parte, traz uma coletânea dos poemas publicados na coluna chamada “Gracioso Ramalhete”, que em sua maioria foi assinados pelo pseudônimo Stella Romariz, e outros por Elisa Bastos, pseudônimo de Gotardo Neto, que substituiu Itajubá após o seu desligamento da agremiação. Sendo assim, constitui-se como obra de referência, por disponibilizar outro aspecto da obra produzida por Ferreira Itajubá, mas que não constitui uma análise.

Em 2001, Tarcísio Gurgel na obra *Informação da Literatura Potiguar* traça um panorama da Literatura no Rio Grande do Norte e entre os autores destacados está Ferreira Itajubá. Gurgel traz aspectos analítico-interpretativos acerca do *Terra Natal* ao apresentar alguns traços temáticos e estruturais acerca:

A infelicidade do exílio, aliás, já era tema do longo poema que o consagrou: ‘Terra Natal’ em que narra, nos trinta e quatro cantos de que se compõe, (além de um poema introdutório e uma prosa poética sobre a natureza desses litorais) o infeliz destino de um casal de jovens: Branca e o noivo que se vê forçado a partir para o Norte, como fizeram tantos nordestinos, em busca da fortuna.
(GURGEL, 2001: 51)

Além disso, aproxima a obra ao movimento literário do Romantismo e a semelhanças no estilo de autores considerados desse movimento:

A longa prosa poética que introduz o enredo de Terra Natal, descrevendo o cenário do nosso litoral, onde se moverão as personagens que ficam, é uma espécie de resumo de todo o ideário do movimento romântico. Nela, utilizando-se dos principais elementos da escola para descrever a natureza, Itajubá, sem necessariamente citar nomes, alude à obra de vários dos grandes escritores do Romantismo brasileiro (Alencar, Cassimiro de Abreu, Álvares de Azevedo) o que, aliás, contradiz de certa maneira o exagero com que sempre se repetiu a informação sobre sua pretensa falta de cultura.
(GURGEL, 2001: 51-52)

E dessa forma, configura-se como um estudo significativo para a fortuna crítica sobre a obra do autor, na medida em que se desvincula dos atrelamentos biográficos ao empreender comentários sobre a obra de Itajubá.

Em 2007, João Batista de Moraes Neto com livro *Reverendo Itajubá* incita a repensar algumas das denominações atribuídas a figura do poeta Ferreira Itajubá, como a condição da existência folclórica sempre relacionada à boêmia; as qualificações de “poeta popular”, consideradas pelo autor como inadequadas; além da marginalização e do esquecimento pelos quais sua obra sempre foi vítima. Moraes Neto (2007) ressalva que mesmo produzindo na época do Simbolismo e do Parnasianismo havia um espírito romântico, ressaltando a necessidade de um estudo crítico de sua obra, além de edições com os poemas dispersos. Quanto à contribuição literária, inicia timidamente a análise de um poema, seguindo os rigores de uma análise literária, sem vinculá-la a fatores biográficos do poeta, mas não avança na análise e não colabora com merecida significância.

A perspectiva de Gomes (1944) e Patriota (1981) que procura explicar a obra através da vida de quem a escreveu, elucida o pensamento de Barthes (*apud* COMPAGNON, 2006: 50) “A explicação da obra é sempre procurada do lado de quem a produziu”, ou seja, “como se uma maneira ou de outra, a obra fosse uma confissão, não podendo representar outra coisa que não a confidência”. Tarcísio Gurgel (2001), por sua vez, além dos comentários temáticos tenta vincular o poema *Terra Natal* a um movimento literário, o que o torna mais próximo de uma possível análise literária.

Desse modo, percebe-se a necessidade de desvincular a análise da obra de Ferreira Itajubá desse atrelamento biográfico, enfatizando a literalidade de seu texto, as

temáticas, sua constituição estética e as possíveis analogias teóricas que podem ser empreendidas, por se tratar de um objeto artístico e por esse motivo constitui-se de um acervo simbólico que incita a multiplicidade de sentidos.

É importante salientar que a bibliografia abordada é apenas a publicada em livros, mas há também um significativo número de artigos e ensaios veiculados em jornais, tanto na época em que Itajubá publicou sua obra em periódicos, quanto posteriormente. Pode-se citar, por exemplo, os textos produzidos por Câmara Cascudo, Henrique Castriciano, Esmeraldo Siqueira e José Bezerra Gomes que produziram uma crítica impressionista, bem típica na época, que se caracterizava por louvar e exaltar a produção do autor sem analisá-la, além de sempre trazer alguns comentários elogiando ou criticando o autor, e vinculando a condição social menor de Itajubá a qualidade de seus versos.

Dessa forma, percebe-se a necessidade de um estudo análico-interpretativo sobre a obra produzida por Ferreira Itajubá, com o fim de colaborar não só para a fortuna crítica do autor, como também para ajudar elucidar como se manifestou o movimento literário Romantismo, na produção do estado do Rio Grande do Norte, ao explicitar aspectos da obra de um dos autores envolvidos.

REFERÊNCIAS

- CÂMARA, Clementino Câmara. Ferreira Itajubá. *Revista da Academia Norte-riograndense de Letras*. Natal, vol. 1, p. 80 a 103, 1951.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: _____. *Literatura e sociedade*. 11 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, p. 117- 145, 2010.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Alma patricia*. Natal: Atelier Tipográfico M. Victorino, 1921.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- GOMES, José Bezerra. *Retrato de Ferreira Itajubá*. Natal: Surto, 1944.
- GURGEL, Tarcísio. *Informação da Literatura Potiguar*. Natal: Argos, 2001.
- ITAJUBÁ, Manuel Virgílio Ferreira. *Terra Natal*. Natal: Tipografia do Instituto Histórico, 1914.
- _____. *Poesias completas: Terra Natal e Harmonias do Norte*. Natal: Imprensa Diocesana, 1927.
- _____. *Poesias completas: Terra Natal e Harmonias do Norte*. 2ed. Natal: Fundação José Augusto, 1965.
- _____. *Gracioso Ramallete: poesia*. Pesquisa e apresentação de Cláudio Augusto Pinto Galvão. Natal: UFRN; CCHLA; Fundação José Augusto, 1993.
- _____. *Dispersos: poemas e prosas*. Organização, introdução e notas: Humberto Hermenegildo de Araújo e Mayara Costa Pinheiro. Natal: EDUFRN, 2009.
- MORAIS NETO, João Batista de. *Reverendo Itajubá*. Natal: Sebo Vermelho, 2007.
- PATRIOTA, Nilson. *Itajubá esquecido*. Natal: Fundação José Augusto, 1981.
- PEREIRA, Francisco das Chagas. *Ferreira Itajubá: poesia*. Natal: Editora Universitária da UFRN, 1981.
- WANDERLEY, Ezequiel. Ferreira Itajubá. In: _____. *Poetas do Rio Grande do Norte*. Recife: Imprensa Industrial, 1922.